



## Meio Ambiente no jornal impresso: uma análise do jornal A Gazeta<sup>1</sup>

Jeferson Boldrini da Silva<sup>2</sup>

Cecília Nobre de Freitas<sup>3</sup>

Eveline dos Santos Teixeira Baptistella<sup>4</sup>

**Resumo:** A temática ambiental está se fazendo mais presente nos meios de comunicação, mas isso não significa que é abordada de maneira eficiente. Este artigo tem como objetivo verificar como é o tratamento dado às questões ambientais e com que vertentes são abordadas pelo jornal A Gazeta. Para tanto foi utilizada revisão bibliográfica; análise documental de 21 edições deste veículo e entrevista semiestruturada com o editor executivo do jornal; estabeleceu-se 10 categorias temáticas específicas a fim de definir quais textos jornalísticos utilizar para serem estudados por meio da Análise de Conteúdo. Os dados demonstram que o meio ambiente se faz presente nas páginas do jornal, porém sua abordagem está fortemente associada ao viés econômico. Faz-se necessário o tratamento dos textos de forma engajada, contextualizada, conectada com o cotidiano do público e capacitação dos jornalistas.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Ambiental. A Gazeta. Jornalismo impresso.

### 1. Jornalismo e Meio Ambiente

O contato humano com a natureza sempre causou alterações e impactos e é possível dizer que com a consolidação do Capitalismo e seu modo de produção, essa relação se tornou cada vez mais prejudicial ao meio ambiente. Bernardes e Ferreira (2007), apontam que até o século XIX este sistema advogava que o homem era um ser à parte da natureza, vista como fonte ilimitada de recursos à sua disposição. Portanto, a percepção de que os recursos naturais eram findáveis e de que o crescimento sem limites era impraticável só surgiram a partir dos anos 1960 e 1970. Percepção esta, relativamente recente, levando em consideração que o

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de Trabalho de Conclusão de Curso realizado para obtenção do grau de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso no segundo semestre de 2017.

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso, Licenciado em Ciências Biológicas e Bacharel em Jornalismo, boldrinijs@unemat.br

<sup>3</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso, Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo, cecilia\_nobre@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso, Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT, Bacharela em Comunicação Social pela UFJF, evelineteixeira@unemat.br



Capitalismo ganhou força nos séculos XVII e XVIII com o desenvolvimento industrial. Porém, como apontam Pereira e Gioia (2004), os séculos XV, XVI e XVII apresentam mudanças que marcam a passagem do sistema feudal ao capitalista.

Todo esse sistema busca fazer com que as nossas necessidades aumentem e conseqüentemente transformemos ainda mais o ambiente para satisfazê-las, ao ponto de, conforme Kurz (2001), produzirmos uma “outra natureza”, advinda da imagem gerada pelo Capitalismo que passou a intervir nos seus aspectos físicos e biológicos, buscando se emancipar desta. Alterações profundas que modificam não só nossa forma de vida nos oferecendo facilidade e comodidade, mas também a de todos os organismos do planeta Terra, trazendo prejuízos e males que acabam extinguindo espécies e desconsiderando-os como outras formas de vida. Um conjunto de ações que, segundo Kolbert (2015), está nos conduzindo a uma nova extinção em massa, o que a autora denomina como a sexta extinção, já que vemos o planeta mudando de maneira rápida e violenta, provocando um volume de extermínio de espécies similar a outros eventos semelhantes que já ocorreram<sup>5</sup>, sendo a mais recente e famosa a do fim do período Cretáceo, que ocasionou a extinção dos dinossauros. Nesse sentido, Alves (2015) alerta que:

A atual taxa de extinção de espécies é, em média, entre cem e mil vezes maior que em níveis pré-humanos, e caminha para ser, em média, 10 mil vezes mais elevada. Esses valores, considerados muito altos, indicam que a situação nos últimos anos é de extinção rápida, com tendência à aceleração. (ALVES, 2015, p.41).

A ação antrópica teve uma interferência tão radical que o cientista holandês Paul Crutzen<sup>6</sup> (2005), propôs que desde o final do século XVIII vivemos na era do Antropoceno, devido às mudanças geológicas e morfológicas que realizamos no planeta através de nossas atividades. A Comissão Internacional de Estratigrafia, responsável por definir o tempo geológico, criou um grupo para decidir se estamos mesmo no Antropoceno. O trabalho iniciou-se em 2011, e a previsão era que a Comissão chegasse a um resultado em cinco anos, mas até o presente momento não houve definição. O geólogo inglês Jan Zalasiewicz, diretor do grupo, afirmou em entrevista que “[...] o Antropoceno se diferencia de outros intervalos geológicos porque o estamos causando – e ele pode ser altamente danoso ao planeta e à biodiversidade.” (ROSA, 2011).

---

<sup>5</sup> Na história do Planeta cinco grandes extinções ocorreram, a saber: no período Ordoviciano (436 milhões de anos atrás); no período Devoniano (346 milhões de anos atrás); no período Permiano (251 milhões de anos atrás); no período Triássico (196 milhões de anos atrás) e a última no período Cretáceo (66 milhões de anos atrás). As explicações para cada um desses eventos são inúmeras e ainda são alvo de discussões na área científica.

<sup>6</sup> Paul Crutzen recebeu o Prêmio Nobel de Química no ano de 1995 devido sua pesquisa sobre os efeitos do ozônio na estratosfera.



Para Bernardes e Ferreira (2007), a questão ambiental e a consciência ambiental surgiram após a Segunda Guerra Mundial. Os autores citam vários eventos que iniciaram o processo de sensibilização ecológica desde o lançamento da bomba atômica: a contaminação de humanos e animais por veneno lançado por uma indústria no Japão, na década de 50; em 1962, o caso da contaminação por pesticidas e inseticidas nos Estados Unidos, denunciada pela bióloga Rachel Carson (1964), através do livro *Primavera Silenciosa*; o surgimento de chuvas ácidas, entre outros.

Em nível internacional, a primeira Conferência que discutiu a questão ambiental foi em 1972, realizada em Estocolmo. Esta, resultou na Declaração de Estocolmo Sobre o Meio Ambiente Humano, programas e comissões, além de tornar a temática ambiental como agenda política internacional. Depois de 20 anos, em 1992, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio-92), no Rio de Janeiro, consolidando o conceito de Desenvolvimento Sustentável e resultando em diversas convenções, entre elas, a Carta da Terra e a Agenda 21. Em 2002, na África do Sul, ocorreu a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, reafirmando metas sobre erradicação da pobreza, destinação de resíduos, energias renováveis, entre outros. Já no ano de 2012 foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), com foco na economia verde, no contexto do Desenvolvimento Sustentável e da erradicação da pobreza, e a estrutura institucional para o Desenvolvimento Sustentável.

A partir de 1960, com o surgimento de Organizações Não-Governamentais e movimentos sociais ligados à temática, a sociedade vem se questionando e se confrontando em relação ao seu modo de vida e sua conexão com o ambiente ao redor. Apesar de vermos pequenas mudanças de atitudes, para Bernardes e Ferreira (2007, p. 40) “[...] não há soluções distintas para as relações sociedade/natureza e para as relações entre os homens pois estes dois problemas se constituem num só.”. Logo, para que as questões ambientais sejam realmente compreendidas, em toda a sua complexidade de causa e efeito, informação e conhecimento devem ser devidamente utilizados.

A inserção da temática ambiental nos meios comunicacionais está relacionada com o avanço tecnológico e científico. Michelotti (2008), considera que a Ciência e o movimento ambientalista foram os propulsores em lançar a questão ambiental como problema social global, contudo o discurso científico foi o primeiro a se fazer presente nos meios de comunicação. De acordo com Pereira (2008), até os anos de 1980, a mobilização e pressão dos ambientalistas conseguiram fazer com que campanhas e denúncias sobre questões



ambientais ocupassem destaque na imprensa.

A temática ambiental se faz mais presente nos meios de comunicação, mas isso não significa que está sendo abordada de maneira eficiente. Frome (2008), salienta que a mídia transmite a ideia da sociedade de consumo. Neste sentido, a grande mídia acaba apresentando a problemática ambiental de maneira que não propicie a discussão sobre o ambiente e ações efetivas para a mudança de hábitos. Conforme Costa (2008, p.141), “[...] a Comunicação passou a agir como veículo de propaganda para os produtos ambientalmente corretos, inserindo na sociedade a ideia de que, através do consumo, é possível reverter o quadro ambiental do planeta.”.

O Jornalismo se apresenta como ponto estratégico e transformador para a área ambiental, já que, segundo Berna (2008):

A democratização da informação ambiental é fundamental para o exercício pleno da cidadania crítica e participativa, pois quando as pessoas, o povo, ou as organizações não dispõem de informação de qualidade, fica comprometida a capacidade de fazer escolhas entre as diferentes alternativas e caminhos. (BERNA, 2008, p. 89-90).

Porém, a estrutura de nossa sociedade acaba prejudicando o Desenvolvimento Sustentável já que, conforme afirmam Bernardes e Ferreira (2007, p. 40), “[...] existe uma forte contradição entre os princípios básicos de funcionamento do Capitalismo e a preservação de um equilíbrio do meio ambiente.”. E, obviamente, a mídia acaba presa nessa contradição. De acordo com Frome (2008), a missão dos grandes veículos de comunicação não é o de prestar um serviço de utilidade pública, pois o lucro conta mais. O Jornalismo impresso, assim como os diferentes tipos existentes, deve sempre atuar visando o exercício dessa missão. Noblat (2006), acredita que os veículos de comunicação impresso exercem com maior propriedade a função social do Jornalismo, embora nem todos eles o façam. De acordo com o autor, o jornal diário:

Existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade. Valores como a liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano. (NOBLAT, 2006, p. 26).

Dentro deste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o tratamento dado pelo Jornal A Gazeta aos textos que trazem temáticas com maior possibilidade de serem trabalhadas pelo viés do Jornalismo Ambiental. Assim pretendemos verificar se, e como o veículo impresso de maior circulação do estado de Mato Grosso desenvolve a cobertura ambiental.



## 2. Metodologia

Neste trabalho, adotamos a teoria da transversalidade como ponto a ser explorado. Girardi, Massierer e Schwaab (2006), afirmam que a temática ambiental não deve ser restrita a cadernos ou programas especializados, mas sim estar presente na pauta diária visando à reflexão do público frente à informação disponibilizada. Tarefa esta, que não pode ser alcançada por meio das premissas de neutralidade e objetividade defendidas por algumas correntes teóricas. Conceitos que, de acordo com Dorneles (2008), não nos servem mais. Segundo a autora, o Jornalismo Ambiental não pode ser neutro, observador e sim ter um papel atuante, contribuindo para a participação dos cidadãos.

Bueno considera que este tipo de Jornalismo desempenha três funções básicas: a informativa, a pedagógica e a política:

A função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida.

A função pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais.

A função política (aqui entendida em seu sentido mais amplo e não obviamente restrita à sua instância meramente político-partidária) tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. Incluem-se entre esses interesses a ação de determinadas empresas e setores que, recorrentemente, têm penalizado o meio ambiente para favorecer os seus negócios (indústria agroquímica, de biotecnologia, de mineração, de papel e celulose, agropecuária etc.). Incorpora também uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental. (BUENO, 2008, p. 109-110).

Durante toda a execução do trabalho foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, com pesquisas de textos sobre meio ambiente, Jornalismo Ambiental e Jornalismo diário. A pesquisa ou revisão bibliográfica é de suma importância, pois se apresenta como a fase onde “[...] o saber adquire a forma descritiva através do uso de uma linguagem que torna possível a transmissão.” (STUMPF, 2009, p. 52). Este trabalho se caracteriza como interdisciplinar, já que trabalhamos com referenciais das Ciências Naturais buscando a complementação do embasamento para a análise dos conteúdos jornalísticos.

Para a seleção inicial dos dados foi utilizada a técnica de análise documental de edições do Jornal A Gazeta. Conforme Moreira (2009), a análise documental busca a



identificação, verificação e apreciação de documentos para fins determinados. Neste caso, buscamos encontrar e analisar os textos de temática ambiental divulgados no periódico.

Para compreender um pouco mais sobre o histórico do veículo de comunicação pesquisado e sua relação com a cobertura ambiental, foi realizada entrevista semiestruturada com o editor executivo do jornal A Gazeta. “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.” (DUARTE, 2009, p. 63). Foram realizadas tentativas de entrevistas com a jornalista Josana Salles, que atuou por um tempo no jornal cobrindo temáticas ambientais e com a diretora de Jornalismo da Gazeta, porém não houve retorno.

Para a reflexão acerca das reportagens selecionadas, utilizou-se a Análise de Conteúdo, buscando-se uma abordagem quantitativa e qualitativa. Essas abordagens não são excludentes, muito pelo contrário. Bauer, Gaskell e Allum (2015), apontam que não há quantificação sem qualificação, fazendo-se necessárias distinções qualitativas antes de se fazer categorizações, sendo ambos necessários para mensurar e compreender os fatos sociais. Tal método permite, segundo Herscovitz (2007), a descrição, classificação e caracterização dos produtos jornalísticos. Quanto ao “[...] divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.” (BAUER, 2015, p. 190).

Para tanto, foram analisadas sete edições do mês de abril, sete do mês de maio e sete do mês de junho de 2017, totalizando 21 edições do jornal. Cada edição foi selecionada por meio do método de semana artificial, que de acordo com Herscovitz (2007), permite a construção de uma amostra confiável, pois seleciona cada dia da semana de uma semana distinta. Sendo assim, para cada mês foram usadas as edições dos seguintes dias: do primeiro domingo (04/04, 07/05 e 04/06), da segunda segunda-feira (10/04, 15/05 e 12/06), da terceira terça-feira (18/04, 23/05 e 20/06), da quarta quarta-feira (26/04, 31/05 e 28/06), da primeira quinta-feira (06/04, 04/05 e 01/06), da segunda sexta-feira (14/04, 12/05 e 09/06) e do terceiro sábado (29/04, 20/05 e 17/06). Caso não houvesse uma edição publicada para o dia selecionado, utilizamos a edição da semana subsequente. Esse tipo de seleção de amostra foi escolhido com o fim de se alternar os dias da semana para prevenir a distorção. Foram analisados todos os cadernos que compõe o jornal, excetuando-se os classificados. No caderno de Opinião analisamos apenas o Editorial, já que este texto é escrito por jornalistas e refletem a linha editorial do veículo sobre determinado assunto. As sessões de Cartas do Leitor e os Artigos de Opinião não foram analisadas, pois de acordo com Bueno (2008), estes



textos não se enquadram como Jornalismo Ambiental e sim como Comunicação Ambiental.

Sobre isso esclarece que:

A Comunicação Ambiental é realizada por qualquer profissional, seja ele jornalista, comunicador, biólogo, agrônomo, advogado, pescador ou indígena. O Jornalismo Ambiental é o reduto dos profissionais de imprensa que têm se organizado, para qualificar a informação e incrementar o debate ambiental, em redes e núcleos e promovido encontros, como os Congressos Brasileiros de Jornalismo Ambiental. (BUENO, 2008, p. 107).

Levando em consideração as definições estabelecidas acima no embasamento teórico, cumpre refletir que, pela abordagem dos autores toda e qualquer notícia poderia receber um tratamento ambiental, mas a seleção de todos os textos tornaria a amostra muito superior às possibilidades de análise dentro do escopo de um trabalho de conclusão de curso. Assim, criamos indicadores de análise a partir da escolha de assuntos que estariam mais ligados ao contexto Mato-Grossense e a possibilidade de serem tratados por um viés ambiental.

Foram estabelecidas 10 categorias temáticas específicas a fim de definir quais textos jornalísticos utilizar como unidades de registros a serem analisadas. Como o conceito de transversalidade define que qualquer assunto pode – e até mesmo deve – receber um tratamento ambiental, escolhemos tópicos noticiosos a partir de alguns fatores que os tornaram mais relevantes para a realidade no estado de Mato Grosso. Estas categorias temáticas foram definidas a partir de dados geográficos, econômicos, sociais, ambientais, culturais, entre outros que justificariam abordagens ambientais de cada tópico pela imprensa mato-grossense. Assim, as categorias temáticas selecionadas foram:

- a) Agronegócio;
- b) Áreas de proteção ambiental;
- c) Saneamento;
- d) Geração de energia;
- e) Animais;
- f) Clima;
- g) Ecoturismo;
- h) Agricultura familiar;
- i) Crime ambiental;
- j) Impactos ambientais.

Os textos enquadrados em cada uma das categorias temáticas foram classificados conforme seu formato, editoria, assinatura e se compôs chamada de capa. Assim, foram



gerados os dados quantitativos. A interpretação destes dados com os qualitativos integra a discussão sobre a maneira de se realizar a cobertura ambiental no veículo analisado por este trabalho. Para os dados qualitativos, os textos foram analisados a fim de verificar se possuíam abordagem ambiental, podendo ser classificadas como Jornalismo Ambiental. Neste sentido, buscou-se identificar se cada texto atende alguma das funções que Bueno (2008) estabelece, a saber: informativa, pedagógica e política.

Dessa forma, classificamos quanto ao conteúdo dos textos, tendo abordagem ambiental ou não. A partir da análise, pretendemos verificar como é o tratamento dado pelo veículo às questões ambientais, assim como verificar com que vertentes são abordadas.

### 3. O jornal A Gazeta

O jornal A Gazeta é o veículo impresso do Grupo Gazeta de Comunicação, com sede na capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá. O grupo, fundado em 1990 com o lançamento do jornal, é um conglomerado que reúne emissora de televisão, sete emissoras de rádio, instituto de pesquisa, gráfica e um portal de notícias.

Considerado jornal líder em Cuiabá, possui abrangência em mais de 120 municípios do interior, possuindo sete edições semanais<sup>7</sup>. Teve sua primeira edição toda em preto e branco, veiculada em 23 de maio de 1990 (Figura 3). Em relação a sua fundação, Daniel Pettengil, Editor Executivo do jornal, ressaltou que o veículo foi inovador no sentido de possuir uma redação informatizada:

Ele foi o 1º do Centro-oeste e o 4º do país a ser totalmente informatizado, e era um pouco estranho fazer nos computadores, pois não ofereciam tantas ferramentas, não tinha aplicativos e esse tanto de coisas. Mas era de fato uma ferramenta de trabalho um pouco estranha ao dia a dia (PETTENGIL, 2017, s.p.).

A partir de 1998, o jornal começou a utilizar as cores em sua impressão, que aos poucos foram inseridas em todas as páginas (Figura 4). De acordo com o editor executivo do jornal, atualmente sua média de tiragem diária é de cerca de 10 mil exemplares e distribuição para todo o Estado. O jornal possui oito editorias, sendo: opinião, política, cidade, nacional, economia, internacional, esportes e variedades. Além disso, possui seis suplementos a saber: Terra e Criação, voltado a temática rural; Autos e Máquinas, voltados a indústria automobilística; Recreação, destinado a passatempos e quadrinhos; Passeios e Viagens, referentes a destinos turísticos; Gastronomia, apresentando dicas de restaurantes a visitar, sugestões de receita e o último suplemento denominado Vine, que é mais voltado ao público

<sup>7</sup> Conforme Dados do Grupo FTPI, disponível em: <[ftpi.com.br/jornal/a-gazeta-cuiaba/](http://ftpi.com.br/jornal/a-gazeta-cuiaba/)>. Acesso em: jul. 2018.



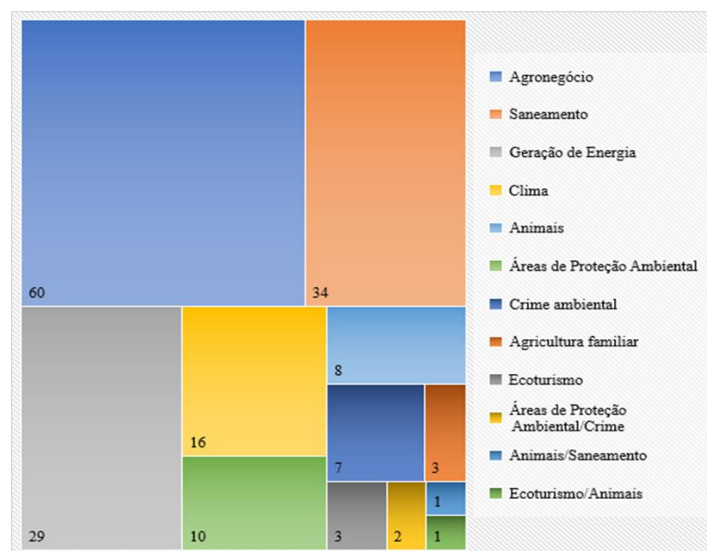


jovem. Conforme o editor Daniel, as editorias que possuem mais destaque no jornal são as de política, cidades e economia, salientando: “Também nessas editorias abrigam todos os assuntos de maior relevância no estado, na cidade. Eu diria que, principalmente política e cidades são os cadernos responsáveis pela maior parte das manchetes.” (PETTENGIL, 2017, *s.p.*)

Em maio de 2010, o Jornal A Gazeta criou um caderno semanal com foco exclusivo para as questões ambientais. O caderno recebeu o nome de “Natureza” e foi considerado um marco no Jornalismo em Mato Grosso pelo jornalista André Alves, membro da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental<sup>8</sup>. Atualmente o caderno “Natureza” está extinto”.

#### 4. O Meio Ambiente no jornal A Gazeta

Foram analisadas sete edições do jornal A Gazeta para cada mês selecionado na amostra (abril, maio e junho de 2017), totalizando 21 edições. Para tanto, foram lidos todos os cadernos de cada edição inclusive os suplementos, quando existiam, excetuando-se os classificados. Foram identificados 174 textos que compreendem uma das temáticas definidas na metodologia (Figura 1), formando uma média de oito publicações selecionadas por edição. As temáticas que mais se fizeram presentes foram: Agronegócio com 60 textos (34%), Saneamento, com 34 (20%) e Geração de Energia, com 29 (17%), perfazendo 123 textos, representando 71%.



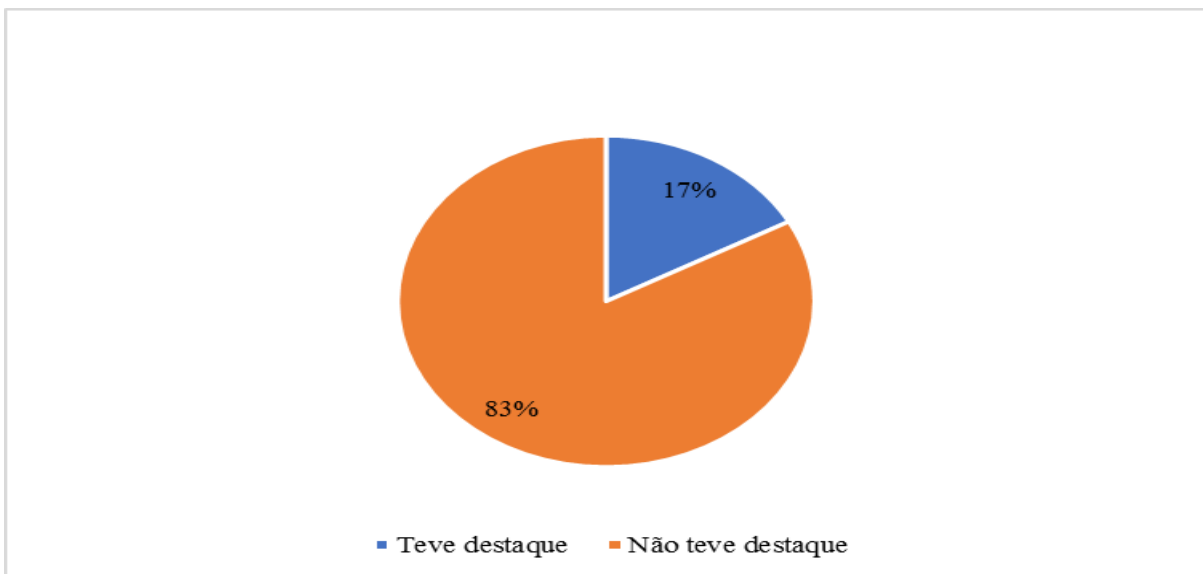
**Figura 1:** Quantidade de publicações realizadas no jornal A Gazeta, classificadas nos temas definidos na metodologia como possuidor de potencial de tratamento pelo Jornalismo Ambiental.

<sup>8</sup> Conforme matéria publicada em 24 de maio de 2017, pelo portal Gazeta Digital, intitulada “Natureza completa um ano”, disponível em: <[www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/seca/61/og/1/materia/276335/t/natureza-completa-um-ano](http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/seca/61/og/1/materia/276335/t/natureza-completa-um-ano)>. Acesso em: jul. 2018.



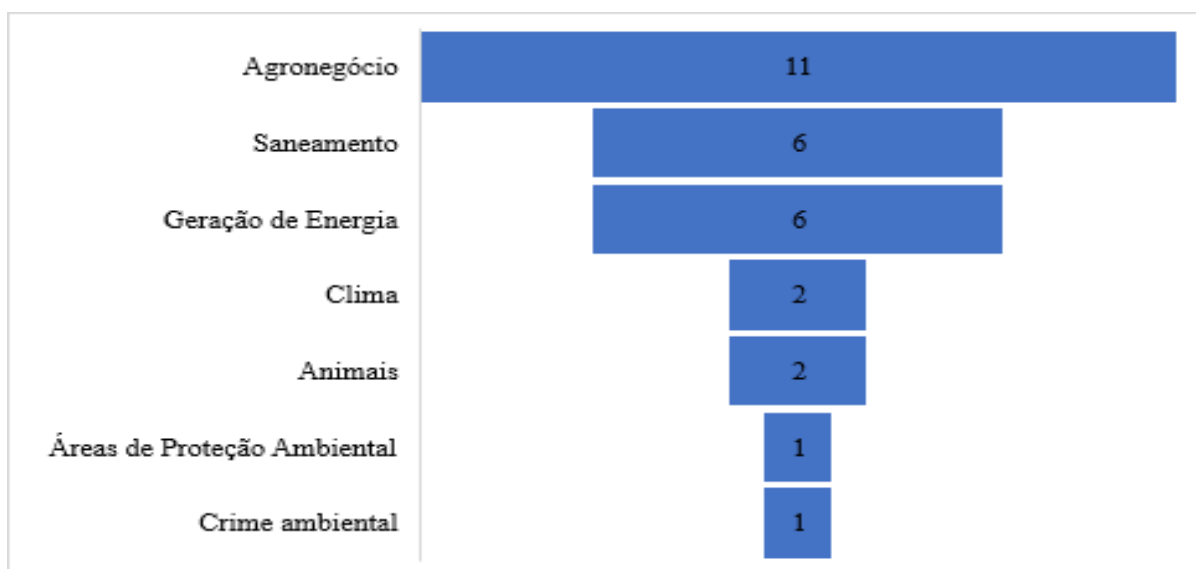
**Fonte:** Elaboração do autor.

Entre os 174 textos classificados em uma das temáticas definidas na metodologia, como assuntos potenciais para o tratamento pelo Jornalismo Ambiental, apenas 29 compuseram capas, o equivalente a 17% (Figura 2). O padrão de destaque se assemelha ao de categorias que se fizeram mais presentes no jornal como um todo, sendo que as que mais tiveram destaque em capas foram: Agronegócio, com 11 ocorrências; seguido por Saneamento e Geração de Energia, com seis capas para cada (Figura 3).



**Figura 2:** Porcentagem de textos enquadrados nos temas definidos na metodologia como possuidor de potencial de tratamento pelo Jornalismo Ambiental que tiveram destaque na capa do jornal A Gazeta.

**Fonte:** Elaboração do autor.



**Figura 3:** Quantidade de textos em cada tema definido na metodologia como possuidor de potencial de tratamento pelo Jornalismo Ambiental que tiveram destaque nas capas do jornal A Gazeta.

**Fonte:** Elaboração do autor.



O excesso de notícias sobre algumas temáticas em detrimento de outras, demonstra que a questão ambiental ainda é tratada de maneira segmentada e tendenciosa. Conforme o referencial teórico adotado nesta pesquisa, a abordagem ambiental deveria ser a mais diversificada possível, para que tratamento dado a assuntos, na maioria das vezes complexos, fosse feito de maneira adequada.

Os episódios não podem ser abordados episodicamente; as informações precisam ser compartilhadas em caráter educativo (sem didatismo banais); os projetos de expansão econômica são infinitos enquanto duram; a natureza tem regeneração finita enquanto se extingue; experimentar a natureza é diferente de contemplar lugares paradisíacos; a natureza é orgânica, anti-imperialista, engajada; e a Terra é, hoje, o único planeta capaz de identificar e unir todas as tribos humanas (BOAS, 2004, p. 9).

Para tratar sobre essa natureza orgânica, que está interligada com tudo e todos, os meios de comunicação deveriam procurar atender os diferentes assuntos que impactam o ambiente e atingem o cotidiano da sociedade em geral. É possível destacar que em um Estado com tanta biodiversidade exista tantas problemáticas ambientais que necessitam de atenção da imprensa, as temáticas mais encontradas em um jornal diário foram aquelas relacionadas a atividades vistas como “carros-chefes” da economia e que mais degradam sem que haja, ao menos, uma reflexão sobre a dualidade - potencial de geração de renda x potencial de dano ambiental.

Dos 174 textos analisados, identificamos apenas 12 que cumprem ao menos uma das funções do Jornalismo Ambiental definidas por Bueno (2008): informativa, pedagógica e/ou política<sup>9</sup>. Logo, a maioria dos textos que possuíam umas das temáticas passíveis de serem tratadas pela abordagem do Jornalismo Ambiental, conforme indicadores de análise previamente definidos na construção da metodologia, acabaram não se enquadrando como Jornalismo Ambiental. Para Dornelles (2008), é fundamental que a pauta ambiental desempenhe uma função pedagógica, sistematizando conceitos e disseminando informações, assim possibilitando que o cidadão participe do debate.

É possível notar pela análise dos dados que não há um aprofundamento da questão ambiental na maioria do conteúdo produzido pelo Jornal A Gazeta. Este aprofundamento seria

---

<sup>9</sup> Conforme detalhado na metodologia, as funções ambientais definidas por Bueno (2008) são: **informativa**, referente a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com temas que abrangem a questão ambiental, considerando seu impacto sobre o meio ambiente e sobre a sua qualidade de vida; **pedagógica**, referente à explicitação das causas, soluções e indicação de caminhos para os problemas ambientais; e **política**, relacionada a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses condicionantes do agravamento da questão ambiental, além da vigilância sobre as ações do poder público para redução da degradação ambiental. Neste trabalho, avaliamos a função informativa, considerando se as matérias analisadas tinham informativos do ponto de vista ambiental.



imprescindível para a compressão dos assuntos sobre este tema, pois dependem de vários fatores.

Os problemas que enfrentamos são o resultado da incidência de assuntos com variáveis sociais – como a pobreza, a educação, etc. -, econômicas – modelos de produção, usos da terra, etc. -, políticas – quadro jurídico, políticas de desenvolvimento, etc. -, tecnológicas – utilização de agroquímicos, transgênicos, urbanização, etc.- culturais – estilos de vida, crenças, etc. – e ecológicas – degradação de ecossistemas, contaminação, etc. (GELÓS, 2008, p. 68, tradução nossa).

Há uma forte tendência do jornal A Gazeta em tratar temáticas ambientais por um viés econômico. Bueno (2008) destaca que o Jornalismo Ambiental precisa ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento e a ampliação do debate. Tudo isso só pode ser feito com o devido aprofundamento, que deveria ser buscado não só nas temáticas ambientais, mas em todos os textos jornalísticos. Essa necessidade é reconhecida pelo diretor executivo do jornal A Gazeta ao declarar:

[...] hoje em dia, de um modo geral, é um pouco raro um jornal impresso conseguir algum furo de informação, porque tudo que ocorre daqui a um minuto ou dois já está na internet ou já está nas redes sociais. Acho que o caminho para o jornal impresso sobreviver é investir justamente no aprofundamento das informações, na abrangência dos temas, na análise. Acho que por esse caminho o jornal consegue sobreviver por mais um bom tempo. Eu tenho sentido um pouco do feedback dos leitores, dos assinantes da Gazeta, que eles procuram isso no jornal, não tanto a novidade ou o factual, mas a análise e aprofundamento dos dados que eles já sabem que ocorreram no dia anterior. (PETTENGIL, 2017, s.p.).

Percebe-se uma deficiência do veículo em abordar as questões ambientais, de maneira a guiar os leitores sobre como atuar frente os problemas ambientais. Baumont, Girardi e Pedroso (2008), defendem que se os assuntos ambientais fossem aprofundados, contextualizados, relacionados com os diferentes fatores e aproximados da realidade do leitor, o Jornalismo poderia promover a cidadania planetária. Apesar de compreender a necessidade de tratar as temáticas de forma menos rasa, de maneira geral, e de garantir que a equipe procure atender essa necessidade, o resultado não se faz presente nas páginas do periódico de maneira regular para as questões estudadas neste trabalho. Quando perguntado sobre como esse aprofundamento se faz presente nas páginas da Gazeta, obtivemos a resposta de que:

[...] a gente tem conversado bastante com a equipe para que trabalhem melhor as informações. Porque certamente o leitor já sabe o que ocorreu no dia anterior, ele vai comprar o jornal com a intenção de ler aquela notícia ampliada, analisada, para que ele possa formular a ideia que ele tem sobre o fato. A gente tem passado essa orientação para equipe. Acho que esse realmente é o caminho para o Jornalismo impresso sobreviver. (PETTENGIL, 2017, s.p.).

Pode ser que a busca por esse aprofundamento acabe comprometida pelo curto tempo de coleta e análise dos fatos que um jornal diário dispõe. Frome (2008), aponta que a pesquisa



e reflexão profunda acaba sendo limitada pelas poucas experiências adquiridas pelo “pessoal de mídia” em prazos curtos. Há de se levar em conta o enxugamento das redações, que faz com que os profissionais tenham que produzir um volume muito maior de conteúdo. Outro impedimento que pode se fazer presente é o fato de que as questões ambientais, muitas vezes por sua complexidade, necessitam de um profissional que possua um treinamento que possibilite fazê-lo compreender e interpretar esses assuntos. O jornal A Gazeta não possui jornalistas que receberam alguma capacitação voltada ao Jornalismo Ambiental, sobre isso o diretor executivo do veículo ressalta:

Nós não dispomos dessa capacitação. Considero importante, assim como para jornalistas que cobrem política e judiciário seria importante um treinamento na área de direito. A área do meio ambiente é bastante complexa e os jornalistas procuram seguir com o preparo que eles têm em relação ao tratamento da notícia. Mas até por conta da falta dessa capacitação um pouco maior que só ocorre em veículos, eu creio, do Sudeste e do Sul, lá existem jornalistas específicos para poder acompanhar pautas ambientais inclusive com cursos na área, aqui são poucos os profissionais que tem. [...] Eu creio ser uma sugestão, tanto para este jornal como para os outros investir em, pelo menos, um profissional que soubesse lidar de forma mais aprofundada com as questões ambientais. Até porque esta é uma temática que vira e mexe nós temos que voltar ela, já que o estado de MT tem essa característica peculiar em relação ao meio ambiente. (PETTENGIL, 2017, *s.p.*).

Em geral, o jornal A Gazeta pouco contribui no estímulo de mudanças de hábitos dos leitores ou no desenvolvimento de esforços que busquem tornar a relação sociedade-natureza mais sustentável. Para Frome (2008), o Jornalismo Ambiental examina sistemas interconectados (sistemas, botânica, ecologia, economia, entre outros), porém para se escrever com amplitude e perspectiva não é necessário conhecê-los totalmente, mas sim ser capaz de fazer perguntas e digerir as respostas. Dornelles (2008), considera crucial o fim da objetividade e da neutralidade no que diz respeito às questões ambientais, mas para além do proposto neste trabalho, fica a reflexão sobre o atual modelo de Jornalismo. Será ele capaz de contribuir para a conscientização ecológica, quando falta ao jornalista uma formação básica na área e tempo para produzir conteúdo mais consistente?

Fica evidente que o meio ambiente se faz presente nas páginas do jornal A Gazeta, mas sua abordagem está muito associada ao viés econômico do Estado. Neste projeto, nos propomos a identificar e analisar de forma aprofundada o conteúdo que atendesse aos conceitos das funções do Jornalismo Ambiental. No entanto, refletimos que para estudos futuros, a análise das notícias que não atenderam aos critérios e sua forma de abordagem constitui objeto relevante para compreensão da cobertura jornalística ambiental em Mato Grosso.



## 5. Considerações Finais

Ainda vislumbramos um longo caminho para o Jornalismo Ambiental se fazer realmente presente no veículo A Gazeta, de maneira contínua e efetiva. Para tanto, é imprescindível o tratamento dos textos de forma engajada, ampla, contextualizada, conectada com o cotidiano do público, promovendo a reflexão e a busca por um meio ambiente mais equilibrado para todas as formas de vida.

Os dados obtidos demonstram que o jornal A Gazeta possui textos em temáticas que poderiam ter uma abordagem pelo Jornalismo Ambiental. Entretanto, poucas são as matérias que cobrem esse assunto atendendo as funções definidas por Bueno (2008): pedagógica, político ou informativa. Percebe-se que os textos do veículo em sua grande maioria não tratam o tema de maneira interdisciplinar e complexa, permeando todas as áreas do conhecimento. Muito pelo contrário, apresenta questões fragmentadas, muitas vezes com dados que não colaboram no aprofundamento da questão.

Vale lembrar que, conforme Girardi, Massierer e Schwaab (2006), Dorneles (2008), Frome (2008) e Bueno (2008), a questão ambiental deveria ser abordada de maneira interdisciplinar e continuamente. “Certamente o lazer, o esporte e a cultura são importantes enquanto pautas jornalísticas. No entanto, falar de sustentabilidade, biodiversidade, saneamento, etc. são pautas da maior relevância e nenhum cidadão de bom senso seria capaz de negar isso.” (MARCONDES, 2008, p. 29).

Apesar do diretor executivo do jornal afirmar a relevância da abordagem de questões ambientais para o Estado e reconhecer a importância de se ter profissionais capacitados para lidar com o Jornalismo Ambiental, percebe-se que o veículo estudado não possui nenhum jornalista com treinamento para isso. Logo, essa ausência acaba refletida no conteúdo dos textos publicados, que poderiam ter uma abordagem mais completa e preocupada com o ambiente.

O caminho para que o veículo realize seu trabalho de uma maneira mais adequada, conforme o ponto de vista do Jornalismo Ambiental, passa pela capacitação dos profissionais. Treinados, os jornalistas têm mais condições de compreender os processos que envolvem o meio ambiente e de escrever sobre o assunto, abordando toda a complexidade, normalmente existente de maneira que desperte no leitor o interesse e ressalte a importância do mesmo para nossa existência. Acima de tudo se faz necessária a mudança de visão do veículo sobre o meio ambiente, deixando de aborda-lo geralmente pelo viés econômico e passando a adotar um viés



sustentável. “Antes de ser um negócio, jornal deve ser visto como um serviço público. E como servidor público deverá proceder. Mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento.” (NOBLAT, 2006, p. 22).

## Referências

ALVES, M.A.S. Humanidade e Biodiversidade: o risco da extinção das espécies no ecossistema terrestre. In: OLIVEIRA, L.A. **Museu do amanhã**. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, p. 40-43.

BAUER, M.W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, W.M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. – 13. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015, p. 189-217.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, W.M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. – 13. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015, p. 17-36.

BAUMONT, C.; GIRARDI, I.M.T; PEDROSO, R.N. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática do aquecimento global no Caderno Ambiente do jornal Zero Hora. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 189-209.

BERNA, V.S.D. Desafios para a Comunicação Ambiental. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 89-104.

BERNARDES, J.A.; FERREIRA, F.P.M. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, S.B.; GUERRA, A.J.T. (Orgs.). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 17-42.

BOAS, S. V. (Org). **Formação & informação ambiental: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

BUENO, W.C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 105-118.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. – 2. Ed. – São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

COSTA, B.B. A questão ambiental e a ética conservacionista na Folha de São Paulo. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. ... [et al.]. **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 137-150.

CRUTZEN, P.J. **Benvenuti nell'Antropocene**. L'uomo ha cambiato il clima, la Terra entra in una nuova era. Mondadori, 2005.



DORNELLES, B. O fim da objetividade e da neutralidade no Jornalismo cívico e no ambiental. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 43-55.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009, p. 62-83.

FROME, M. **Green Ink: uma introdução ao Jornalismo Ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GELÓS, H.S. Periodismo Ambiental: eje comunicacional del siglo XXI. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 67-74.

GIRARDI, I.M.T; MASSIERER, C. SCHWAAB, R.T. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da sustentabilidade. **UNIrevista** – vol. 1, nº 3: (jul. 2006).

HERSCOVITZ, G.H. Análise de conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, C. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 123-142.

KOLBERT, E. **A sexta extinção: uma história não natural**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KURZ, R. Natureza em Ruínas. **Folha de São Paulo** (17/06/2001), Caderno Mais. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1706200109.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

MARCONDES, A.W. O dia a dia de uma mídia ambiental. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 28-33.

MICHELOTI, G. A interação entre movimento ambientalista, meios de comunicação e ciência na problematização da crise ambiental. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 56-64.

MOREIRA, S.V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2.ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009, p. 269-279.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 6. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, C.L. Os veículos de comunicação especializados e o trabalho de sensibilização ambiental: um estudo de caso sobre o Jornal do Meio Ambiente. In: GIRARDI, I.M.; SCHWAAB, R.T.; MARCONDES, A.W. (Orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008, p. 228-240.





PEREIRA, M.E.M.; GIOIA, S.C. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, M.A. MICHELETTO, N.; SÉRIO, T.M.P; et. al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. – Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2004, p. 163-178.

PETTENGIL, D. **Entrevista I**. [nov. 2017]. Entrevistador: Jeferson Boldrini da Silva. Cuiabá, 2017. 1 arquivo .m4a (46 min).

ROSA, G. Bem-vindo à Era do Homem. **Revista Galileu**, 2011. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI25223817771,00BEMVINDO+A+ERA+DO+HOMEM.html>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

STUMPF, I.R.C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2.ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009, p. 51-61.